

## CORPOS EM DOBRA: UM ENSAIO GRÁFICO-TEXTUAL DO HOMEÓSTATO #04 DE JOSÉ ALBERTO MARQUES

Luís Cláudio Costa Fajardo\*

**RESUMO:** Este ensaio teórico-visual consiste em uma análise teórica e uma intervenção gráfica sobre o poema *Homeóstato #04* da série *Homeóstatos* criada pelo poeta português José-Alberto Marques. A análise teórica surge de uma aproximação entre o poema e o conceito de Autopoiesis formulado por Humberto Maturana e Francisco Varela na década de 1970. A intervenção gráfica inspira-se na sugestão da forma poética desenhada pelo poeta digital brasileiro, André Vallias em seu poema “Nous n'avons pas compris Descartes” concebido em 1991.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homeóstatos. José-Alberto Marques. Poesia Experimental Portuguesa.

Ao receber o convite de Rui Torres para redigir um texto de apresentação ou elaborar uma releitura dos *Homeóstatos* de José-Alberto Marques, de imediato imaginei um breve ensaio teórico, mas a ideia de uma intervenção gráfica também me pareceu oportuna. Para o ensaio, imaginei uma relação entre os poemas da série e a teoria da *Autopoiesis* formulada pelo biólogo chileno Humberto Maturana e pelo médico chileno Francisco Varela na década de 1970. Nesta teoria, o conceito de homeostase exerce um papel fundamental para sua compreensão.

A reorganização constante dos versos presentes nos *Homeóstatos* de José-Alberto Marques traduz claramente para o campo poético, os postulados fisiológicos dos pesquisadores chilenos, pois de fato, tal teoria não se restringe ao campo biológico mas exerce também forte influência na fenomenologia da percepção e nas ciências cognitivas.

---

\* Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [clafajardo@gmail.com](mailto:clafajardo@gmail.com)



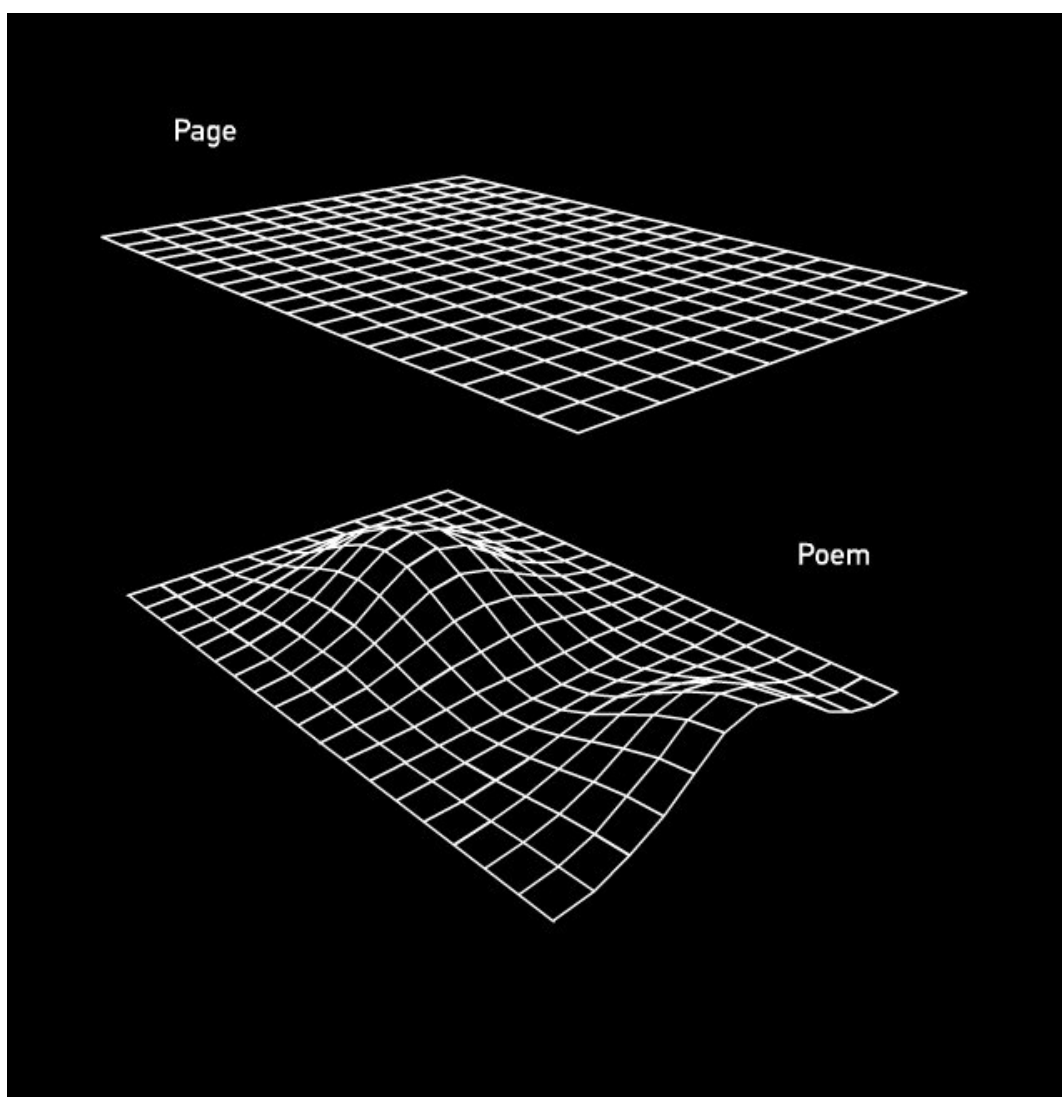
Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons.

O aspecto gráfico e espacial incomum dos *Homeóstatos* são familiares para mim, que pesquisei ao longo de 8 anos, as relações gráficas entre a imagem e a palavra na poesia impressa e digital. Portanto, a ideia de apropriar-me de um poema da série redefinindo-o em sua espacialização surgiu ao perceber que o espaço onde estão impressos os *Homeóstatos* de José-Alberto Marques recusa a planaridade tradicional da página e insurge contra sua topografia promovendo uma dobra no espaço e no tempo.

A descrição mencionada acima pode ser melhor avaliada a partir de um poema digital criado pelo poeta brasileiro André Vallias em 1991 intitulado *Nous n'avons pas compris Descartes* (Figura 1). Trata-se de um poema animado por computador no qual são exibidos dois diagramas de um plano. Enquanto a primeira representação (*Page*) exibe uma forma plana aludindo à geometria euclidiana e cartesiana, a segunda representação (*Poem*) surge com sua superfície ondulada representando o tempo e o espaço da física moderna.

A sugestão da referência de Maturana e Varela decorre de 2007, período em que realizei meu curso de mestrado na disciplina de Teorias Avançadas nas Ciências Cognitivas ministrada pelo professor Winfried Nöth. Envolvidos em questões sobre a formação do pensamento humano e a evolução das máquinas semióticas discutíamos como os computadores e robôs se desenvolveriam à nossa imagem e semelhança no futuro. Entre as inúmeras abordagens teóricas presentes na ementa da disciplina, a perspectiva cibernética merece destaque neste texto pois ela se vale da homeostase como princípio de conservação das propriedades internas dos organismos vivos através de mecanismos biológicos configurando-se como um modelo ideal para a concepção de máquinas auto-reguladoras.

Fig. 1 – *Nous n'avons pas compris Descartes*. André Vallias, 1991.



Neste período, a poesia em meio digital, tornou-se meu objeto de pesquisa e desde então este tema conduziu minha produção acadêmica sempre enfatizando as produções em poesia digital brasileiras e portuguesas. As primeiras manifestações da poesia e da literatura realizadas com a ajuda de computadores cruzam, em alguma medida, com modelos cibernéticos. Acredito que os “motores textuais”, softwares desenvolvidos para gerenciar e organizar a sintaxe de um banco de dados de palavras previamente alimentado, podem ser considerados como um mecanismo com funções homeostáticas. Motores textuais como o *Sintext* de Pedro Barbosa, José Torres e Abílio Cavalheiro e aquele utilizado por Rui Torres em *Poemas no Meio do Caminho* são exemplos interessantes de regulação interna de um sistema.

A adoção de um título correlato à homeostase para sua série de poemas em 1965, manifesta a sensibilidade de José-Alberto Marques para as inovações, pelas quais passava, a linguagem poética. Para Ernesto de Melo e Castro, José-Alberto Marques entendia a homeostasia como uma metáfora da própria especificidade da poesia. Depreende-se desta asserção, que a poesia pode ser considerada um organismo vivo. Nesta concepção, o poema é fruto de um sistema formado não apenas por órgãos complexos que compõem sua estrutura semântica e cultural, mas também por unidades celulares que por vezes se agrupam, por outras se separam formando novas cadeias de sentido.

Em todos os *Homeóstatos* de José-Alberto Marques percebe-se uma representação do universo na página. Os versos fragmentam-se no espaço como constelações e comportam-se como corpos em movimento, verdadeiros signos em rotação. Nestes poemas não surgem ideogramas explícitos ou tautológicos, quando muito, estes sugerem dispersão e onomatopéias, porém, a decomposição vocabular do poema despe pouco a pouco toda estrutura sintática da linguagem poética deixando revelar a potencialidade de sua essência.

Tomemos como exemplo, o *Homeóstato nº 04*, onde o verso: “tenso. a luz corta. amo. amo e posso. quero: vivo”, vai se decompondo e se reestruturando até formar o verso: “força. arde. cor para. o homem. Ainda”.

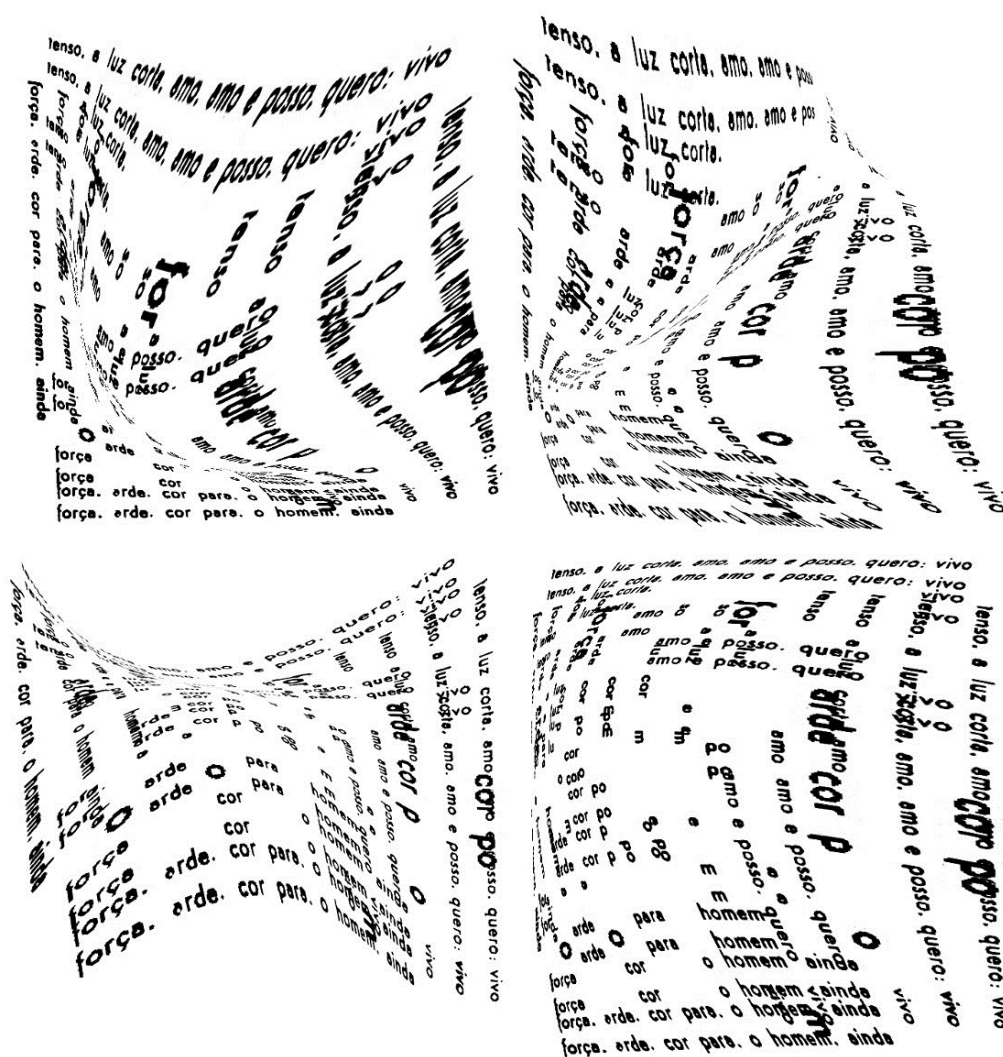
Fig. 2 – Homeóstato 4, José-Alberto Marques, 1965. Imagem de *Operação 1* (1967).

tenso. a luz corta. amo. amo e posso. quero: vivo  
a luz corta. vivo  
tenso amo  
amo e posso. quero  
a luz vivo  
so lu m e  
cor po  
cor po  
arde cor p o  
for m a  
arde para homem  
força cor o homem ainda  
força. arde. cor para. o homem. ainda

Neste poema, elaborado com extrema precisão, o verso “corpo” derivado de uma secção dos vocábulos *corta* e *posso*, demonstra a habilidade do poeta para recuperar o sentido do poema através da decomposição silábica. Não obstante a este recurso estilístico, a referência ao corpo, seja em suas sensações, seja em sua anatomia, é uma constante na série *Homeóstatos*. A flagrante presença de relações no poema entre elementos físicos e o meio ambiente, entre o dentro e o fora, a luminosidade e a escuridão demonstram uma preocupação em alcançar o equilíbrio entre o mundo interno e o externo.

Gostaria de concluir este pequeno ensaio apresentando 4 intervenções criativas em fragmentos do *Homeóstato nº 04* as quais denominei *Corpos em Dobra*.

Fig. 3 – Releitura de Homeóstato#4, por Cláudio Fajardo.



Estas pequenas intervenções exploram a superfície gráfica do poema. A legibilidade linear dos fragmentos está intencionalmente impedida pelas distorções visuais realizadas nas camadas superpostas dos versos. A estratégia criativa utilizada nestas intervenções pretende revelar a sutileza do movimento e da corporalidade presentes nesta série de poemas de José-Alberto Marques. A poesia como um organismo vivo em constante movimento no tempo e no espaço.

**FOLDED BODIES: A GRAPHIC-TEXTUAL ESSAY ABOUT HOMEÓSTATO #04 BY JOSÉ ALBERTO MARQUES**

**ABSTRACT:** This theoretical-visual essay comprises a theoretical analysis and a graphical intervention on the poem Homeóstato #04 of the series *Homeóstatos* created by the Portuguese poet José-Alberto Marques. Theoretical analysis, arises from a connection between the poem and the concept of Autopoiesis formulated by Humberto Maturana and Francisco Varela in the 1970s. Graphic intervention inspired by the suggestion of poetic form designed by the Brazilian digital poet, André Vallias in his poem *Nous n'avons pas compris Descartes* conceived in 1991.

**Palavras-chave:** Homeóstatos. José-Alberto Marques. Portuguese Experimental Poetry. Re-reading.

**Recebido em: 19/05/2016.  
Aceito em: 15/06/2016.**